Ano 17.º Sabado, 20 de Setembro de 1924 N.º 845

O DEMOCRATA

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Lusitania»
Rua Eça de Queiroz n.º 3 — AVEIRO

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda n.º 21

Semanario Republicano de Aveiro

REMEMBER

FAZ HOJE 36 ANOS QUE O GRITO DE
Viva a Liberdade!
ECOAVA EM AVEIRO ENTUSIASTICAMENTE

Irmãs de caridade

(A sua expulsão de Aveiro)

Se recordar é viver, nós queremos sentir hoje o prazer de viver alguns momentos de acordo com a nossa consciencia, lançando um golpe de vista retrospectivo sobre o passado, já que o presente se nos apresenta de aspecto tão sombrio e o futuro é um ponto de interrogação no horisonte das conquistas republicanas.

Volvâmos, pois, atraz, ao ano de 1888.

A semana havia decorrido agitada como agitados tinham sido os mezes, os dias que precederam a eleição da mesa da Misericordia de que estava dependente a expulsão das irmãs de caridade do serviço hospitalar.

Na imprensa, violentos artigos saíam publicados—energicos, audases, chispando colera—sendo incontestavelmente os mais sugestivos aqueles que provinham do campo republicano.

Os suplementos, os planfletos e as proclamações sucediam-se assim como os comicios.

Aliados para o mesmo fim, unidos para o mesmo combate contra a reacção, republicanos e regeneradores davam-se as mãos emquanto os progressistas, apoiados pelo governo de José Luciano e pelo seu delegado em Aveiro, Manuel Firmino de Almeida Maia, que era aqui o chefe desse partido, se valiam das mais extraordinarias manigancias para manter a afronta.

A 19 de setembro feria-se a batalha decisiva.

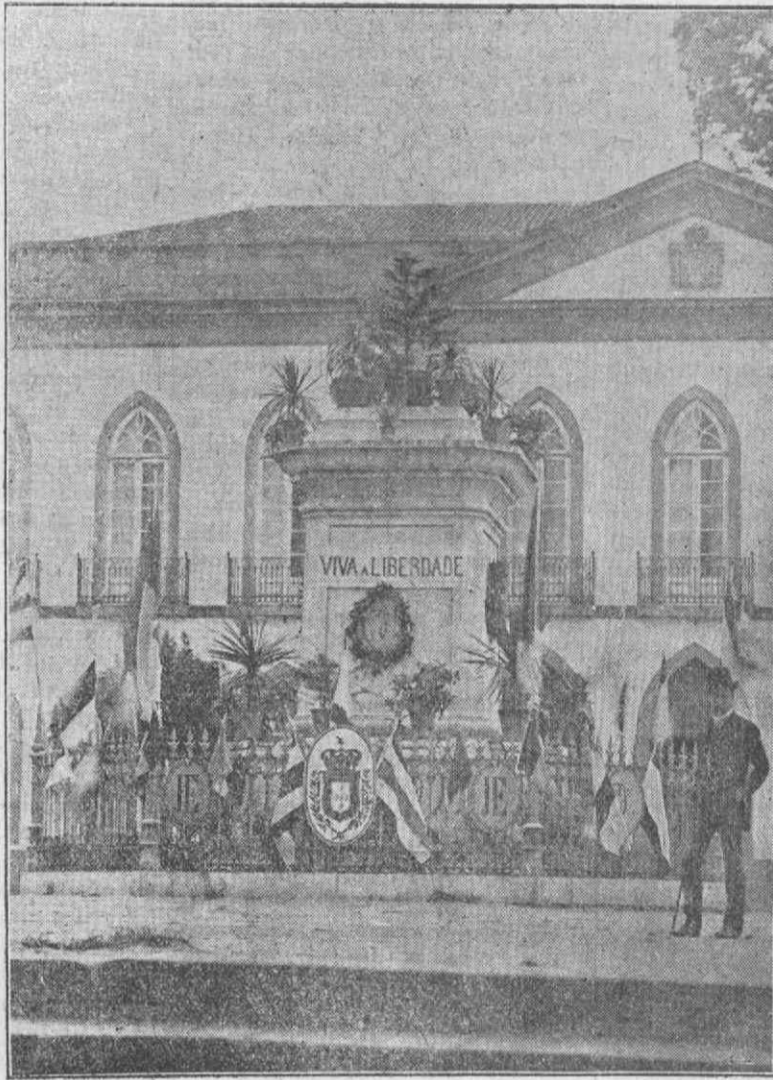
Partidarios das irmãs de caridade e adversarios, enchendo a igreja da Misericordia, iam lançando o seu voto na urna. Pelas imediações, muita animação, discutindo-se acaloradamente.

Declinava a tarde; era quasi sol posto e o fim aproximava-se.

O dr. Barbosa de Magalhães (pae), que presidia ao acto eleitoral, faz-se substituir, depois de varios incidentes, por Miguel Ferreira de Araujo Soares, conhecido galopim, seu correligionario, e mestre em chapeladas. Passaram minutos. Vai se não quando um formidavel clamor se ouve de mistura com estridentes aclamações. Era o que se esperava. Os progressistas, defensores das irmãs de caridade, considerando-se perdidos, recorrem á chapelada. Na urna, pela mão de Miguel Ferreira, entra um maço de listas, mas imediatamente o engenheiro João Honorato da Fonseca Regala castiga o autor da proesa, que desaparece. Tudo quanto pertencia á eleição vôa em estilhas. O barulho toma vulto. Estabelece-se a confusão. O conflito generalisa-se. Num curto espaço de segundos a igreja não é mais que um verdadeiro campo de batalha, jorrando o sangue de varias cabeças partidas. Com a intervenção da policia serenam os animos, mas, cá fora, o povo aclama a Liberdade e a força de cavalaria que chega para acabar de manter a ordem. Esta ocupa a Costeira (hoje Rua Coimbra) e o Largo Municipal, tendo de acompanhar a casa o governador civil, que a multidão, indignada, não cessa de apupar ao vê-lo saír do edificio do liceu com a sua *troupe*. Os *morras* á autoridade são constantes e só a muito custo se chega a conseguir o socêgo absoluto.

Os feridos desta refrega foram inumeros, contando-se, todavia, dentre eles, Francisco Augusto da Fonseca Regala, João Regala, Zacarias da Naia, Carlos da Silva Melo Guimarães, Joaquim Fontes, Francisco Vitorino Barbosa de Magalhães, etc.

As trevas da noite, sucedendo-se aos acontecimentos, que tão viva repercussão tiveram em todo o pais por se saber dos propositos da comissão do monumento a José Estevam, que tinha deliberado não colocar a estatua sem que fossem expulsas as irmãs de caridade cuja entrada no hospital datava de 14 de março, amorteceu-os algum tanto, mas logo na manhã seguinte, 20 de setembro, a efervescencia continuou, tendo aparecido ornamentado com flores, plantas e bandeiras o pedestal destinado ao tribuno, como inicio das manifestações liberaes desse dia, produzidas com tanto amor, com tanto entusiasmo, com tanta fé como outras não se registam na historia contemporanea de Aveiro. O dr. Manuel de Arriaga, Albano Coutinho, dr. Alves da Veiga, dr. Magalhães Lima e outros republicanos aqui vieram e a sua palavra, escutada e aplaudida nos comicios pelo povo desta terra, que a eles acorria em massa, verdadeiramente interessado pela causa de que eram paladinos, muito concorreu para preparar o triunfo e consequentemente dar a vitoria a quem, pela Liberdade, tudo sacrificou.

Faz hoje 36 anos!...

O pedestal da estatua de José Estevam, antes da colocação desta, ornamentado na madrugada de 20 de setembro de 1888, após a eleição da Misericordia

Gloria a Aveiro!

(Dum jornal da época)

As irmãs da caridade não podiam, nem deviam permanecer em Aveiro. José Estevam, como nome baptismal, como individuo, representa tanto como qualquer José Estevam desse mundo de Cristo que seja boa pessoa. Nem foi mesmo pelo seu talento, exclusivamente, pela sua eloquencia despida de outras considerações que o nosso eminente patricio adquiriu o grande nome de cidadão que tem na historia do seu paiz. Foi principalmente pelas suas virtudes e pelos seus serviços a uma causa levantada e justa. Foi pelo seu talento, pela sua eloquencia deslumbrante; mas talento e eloquencia em defeza da patria e dum principio de alta humanidade e grandeza. Que causa era essa? Que principio foi esse? A causa da liberdade, o principio democratico. Eis o ponto a considerar e a não esquecer. Poderia José Estevam ter enorme talento. Poderia falar a linguagem dos deuses. Que se em vez de defender a causa sacrosanta do povo, em vez de sacrificar a sua vida pela democracia rasgada e larga, que cobre com a sua capa imensa ricos e pobres, nobres e plebeus, sem olhar as que a imploram e demandam como porto de salvamento, defendesse a causa da tirania e ajoelhasse servil aos pés do despotismo, em logar dum nome aureolado teria um nome enegrecido e em vez dum benemerito seria apontado pela historia como um renegado.

O que nós festejamos, por conseguinte, primeiro que tudo em José Estevam, são os principios porque ele verteu o seu sangue e arriscou a sua vida e as santas doutrinas que evangelisou da tribuna. E só depois é que olhamos, freneticos de entusiasmo, entusiasmo que vem sempre dos principios, para o talento com que ele defendeu uns e prégou as outras. Haverá algum pobre ignorante que não saiba porque goste de José Estevam e que talvez nem gostasse se soubesse porque deveria gostar. Mas isso não entra em linha de conta duma cidade como a nossa.

As irmãs da cidade não podiam coexistir com a apotheose de José Estevam. Seria uma troça, seria uma burla. Aveiro compreendeu e expulsou as irmãs da caridade. Gloria á cidade de Aveiro!

Foi um grande exemplo, foi um acto de nobre coragem no meio da indolencia geral, foi uma conquista de liberdade, que ecoou em todo o paiz. Todo o paiz nos contempla, todo o paiz nos admira. Ahi tem o povo a confirmação do que lhe diziamos quando o incitavamos a resistir e a marchar para a frente, até aos ultimos extremos se necessario fôra, na pendencia das irmãs da caridade. Nós diziamos-lhe que desta questão, ou adviria a deshonra ou a gloria de Aveiro. Não o enganámos, nem exagerámos. Assim como, se nós perderamos, nós que já tinhamos o labéo de haver derrotado José Estevam em vida, a nossa ignominia seria eterna e viria acrescentar essa melancolia profunda que escurece de ha muito o coração de todos os patriotas e em todo o paiz, assim o triunfo foi um raio de alegria para a democracia nacional, um bocadinho de céo claro e limpido para os que viam coberto de nuvens o horisonte da patria, um grito de alarme nas hostes abatidas da liberdade, e mais um florão de gloria para a corôa radiante da cidade de Aveiro. Aveiro resgata brilhantemente sobre o tumulo de José Estevam a ingratidão que em vida teve com ele.

. . . .

Aveiro tem todas as condições duma terra opulenta. Não lhe falta talento, nem actividade nos seus filhos; não lhe faltam os dons da natureza. Sufoca-a uma abdicação deploravel, uma inercia tristissima. Retomemos a nossa autonomia, despertemos do letargo e ávante. Fitemos os olhos no céo, onde luz o genio dos nossos marinheiros, onde rutila o grande nome de José Estevam, estudemos a nossa historia, admiremos os nossos homens, reconstituamos moralmente a nossa raça e caminhemos sem perigo do tropeçar.

Reformemos os costumes, cortemos fundo pelos abusos; lancemos á margem os especuladores e teremos dado um grande passo no caminho da emancipação.

. . . .

Films

ANTIGAMENTE, quando, na China, um ministro caía no desagrado do soberano pelo seu mau governo, era, de ordinario, condenado a varrer, todas as manhãs, a sala da audiencia do seu sucessor e os corredores do palacio imperial. Agora não sabemos o que sucederá. Mas se o mesmo fosse adoptado em Portugal temos a certesa que o numero dos varredores formaria já um dos maiores exercitos do mundo...

— —

SABEM quanto custou ao país a estada em Londres do sr. Norton de Matos ainda como Alto Comissario de Angola?

Tanto como 15:000 lihras, em tres mezes, das quais apenas teve de desviar 3:000 para outro sugeito da mesma laia.

Se foi ele quem organisou o C. E. P.!

Se ele é o mais autentico *patriota* deste país de ladravazes!

— —

A UM padre pensionista e que ainda diz missa, foi ultimamente dado o logar de tesoureiro da Fazenda Publica em Penodono o qual ficará exercendo simultaneamente com o de 3.º oficial do quadro especial do Ministerio das Finanças, fazendo serviço na Estatista.

Pergunta um nosso colega se isto não será trabalho de mais para o sacerdote, embora os ministros do Senhor estejam acostumados a ter amas aos pares...

Não deve ser. E por uma razão muito simples: o treino é outro...

— —

NUM dos dias da semana passada dizem as gazetas que esteve para rebentar nova bernarda em Lisboa—ponto obrigado e escolhido para todos os movimentos revolucionarios de que se acham dependentes os nossos destinos...

Fracassou, porêm. Deu nega. Sinal de que...

Os leitores sabem bem do que é sinal e por isso evita mais explicações...

— —

QUE o uso do cachimbo faz a bôca torta. Pois no estrangeiro morreu ha pouco uma mulher com 110 anos que atribuia ao uso do cachimbo, desde os 30, a sua longevidade.

Sem nunca ter entortado...

Mas nessa não acreditamos nós...

O ENCERRAMENTO

Aproxima-se o termo das ferias judiciais e com ele o esclarecimento desta questão, que se arrasta por conta duma teimosia inadmissivel da parte de quantos supõem que à letra da lei podem sobrepôr a sua vontade e os seus caprichos...

Os piores cegos, porêm, são aqueles que não querem ver e por esse motivo continua a ser desrespeitado o regulamento da Camara que estabelece o encerramento, inquestionavelmente em harmonia com os decretos de 9 de Janeiro e 8 de Março de 1911 e nomeadamente com o relatorio que precede este ultimo, cujo espirito, que abrange o da lei, é clara, absoluta e inconfundivelmente pelo encerramento.

Por outro lado continuam a ser levantados os respectivos autos de transgressão e no final é que se verá quem estava com a razão.

Ministro do Comercio

Esteve na quinta-feira nesta cidade, onde chegou no *rapido* da tarde, o sr. ministro do Comercio, Pires Monteiro, a quem foi oferecido um almoço no *Club dos Galitos*, assistindo trinta convivas.

Ao *toast* discursaram o sr. governador civil, dois dos deputados por este circulo, o sr. dr. Lourenço Peixinho, presidente da Camara e dr. José Maria Soares, presidente da Associação Comercial, terminando o ministro por agradecer o convite que lhe fôra dirigido para esta visita e bem assim a maneira como o receberam, podendo Aveiro ficar sciente que empregará toda a sua bôa vontade em atender as varias reclamações feitas pelos seus dignos representantes. S. Ex.ª fez ainda a apologia do regionalismo, do qual se declara abertamente partidario, referindo com alto criterio como compreende a missão do poder central e a acção proveitosa que é susceptivel de se obter fóra do Terreiro do Paço.

Durante o almoço tocou a banda de Infanteria 24, saíndo no fim o ministro a visitar a Escola Industrial, correio, Barra, Costa Nova, fabricas da Vista-Alegre e Aleluia, as quaes o presentearam com alguns mimos, antes da sua retirada, no mesmo dia, para Lisboa.

Volta ao mundo

Cabe aos aviadores americanos, que tentaram a arriscadissima viagem de circumnavegação, a gloria de a terem completado sem acidentes de maior, marcando deste modo logar entre os primeiros *azes* da aviação,

Se não fosse a nossa falta de dinheiro...

O Liceu

Para devidamente esclarecer a situação deste estabelecimento de ensino, não vemos, nem sabemos, que se tenha dado, sequer, um passo.

Mantem o liceu a sua justificada categoria de Central? Não mantem?

Vemos que em Braga e Portalegre, principalmente, se agita esta questão e por ela se interessam individualidades do maior destaque, representautes daqueles povos no parlamento e ainda as respectivas municipalidades, num esforço comum, empenhando-se todos no sentido de conseguir a revogação do decreto que alterou a categoria dos respectivos liceus.

Aqui nada.

E todavia os dias sucedem-se; está á porta a abertura das aulas.

Para quando se espera?

É central ou é nacional o nosso liceu?

IMPRENSA

"O MUNDO,,

Entrou uo 25.º ano de publicação este baluarte da Republica, que hoje tem á sua frente Urbano Rodrigues e por colaboradores, entre outros, os nossos presados amigos Luiz Derouet e Mayer Garção e ainda um aveirense a que, desde os saudosos tempos de estudante, nos liga particular estima: João Regala.

O Mundo, cuja existencia tem passado por diferentes fases, possue hoje uma orientação verdadeiramente á altura da missão evangelisadora para que foi creado e que, no nosso modo de ver, é a unica proveitosa já que os partidos todos faliram e os homens, com raras excepções, se corromperam.

Alem disso a sua tradição constitue um amontuado de recordações republicanas e só essa cicustancia, quando outros motivos não houvesse, nos levaria a enviar á folha lisbonense e aos qne nela colaboram, formando o seu corpo redactorial, as nossas saudações as mais sinceras e calorosas.

Pela moralidade!

A sindicancia ao Museu de Aveiro

O que Silverio Pereira Junior apurou sobre as falcatruas imputadas ao ex-director Marques Gomes

Relatorio

XX

A acusação e a defesa

Provas

Artigo 4.º da acusação:—«De ter desencaminhado outros objctos constantes do arrolamento judicial».

Alega o arguido em sua defeza:—

«Reporto-me ao que já disse em resposta ao artigo 2.º afirmando novamente que não se desencaminhou um unico objecto de *valor artistico* constante ou não do arrolamento judicial». (fls. 294)

Indica tres testemunhas: snrs. José Maria Barbosa, Pompeu de Melo Figueiredo e Mariano Ludgero Maria da Silva.

...«Que nenhuma afirmação concreta pode fazer quanto ao desaparecimento, ou não, de quaisquer objectos constantes do arrolamento judicial e confirmando as alegações do arguido a proposito do segundo articulado quanto á talta de segurança do edificio e outras circunstancias apontadas, acrescenta: que no seu jornal *Correio de Aveiro* chamou a atenção das autoridades para o desaparecimeto que constava ter-se dado duns tubos do orgão da Sé—depõe o sr. José Maria Barbosa, a fls. 324.

«Não pode prestar qualquer esclarecimento visto que não sabe quais os objectos judicialmente arrolados, nem os que existem no Muzeu, sendo, porêm, seu convencimento que nenhum foi descaminhado — diz Mariano Ludgero Maria da Silva, no seu depoimento a fls. 334 v.

«*Que considera uma infamia a acusação feita* ao arguido, *afirma-o*, com entôno, Pompeu de Melo Figueiredo, para, *seguidamente*, a instancias do sindicante, *afirmar* que não estava em Aveiro *quando foi feito* o arrolamento e *que nunca o viu sequer* não sabendo, tambem, *o que existe no Muzeu*», fls. 323. v., donde se conclue que *nada o autorisava a classificar de infamia*, a acusação formulada.

Finalmente, o arguido pede, que, *sobre as obras feitas no Muzeu*, sejam ouvidas as testemunhas Manuel Alves de Matos, Marciano Pinto dos Reis e Isaias de Albuquerque, que efectivamente ouvi. (Dep.s a fls. 338, 330 v. e a fls. 58 e 332 v., respectivamente.

Do confronto dos seus depoimentos com os de Antonio Maia a fls. 54 e Manuel Augusto Migueis Picado, a fls. 83 e do oficio do director interino das obras publicas de Aveiro, a fls. 30 do proc. A, resulta a convicção firme, absoluta de que as maiores e mais importantes obras executadas para a adaptação do edificio a Muzeu, foram feitas por operarios pagos pelo cofre das Obras Publicas e que grande parte do material empregado não sobrecargou a receita do Muzeu.

Das testemunhas oferecidas pelo arguido, sobre cada um dos artigos formulados pelo sindicante, *só uma não foi inquerida*—o sr. Dr. Alvaro Moura Coutinho de Almeida d'Eça que devia depôr sobre o artigo 20.º.

O sr. Dr. Almeida Eça, estava exercendo as funções de Juiz de Direito e não quiz, ouvindo-o, tolher a sua possivel acção judicial.

Os srs. Drs. Barbosa de Magalhães e Egas Moniz, alem de não terem sido indicados sobre nenhum dos 24 artigos de acusação formulados, não foram, tambem, inqueridos, como o arguido pedia, *sobre os serviços prestados ao Muzeu.*

Eram desnecessarios os seus depoimentos.

XXI

Quem acusa, como quem defende, constitue-se na obrigação de provar

Afirmações concretas quanto ao bom procedimeto moral do arguido, que já transcrevi, constam do processo que organisei e, afirmações semelhantes e *mais claras*, constam do processo de sindicancia organisado pelo falecido capitão Alberto Viana Coelho, que ao meu serviu de base e a ele está apenso.

Ao sindicante Viana Coelho, não deverá ser perdoada, a inepcia com que se houve. Ficaram de pé afirmações que tinha o dever moral de ter destruido e só por isto,—não pelos fundamentos alegados no parecer do conselho disciplinar — e pela pessima organisação do processo,—a sindicancia deveria ter continuado.

Contra o conservador eram feitas acusações precisas, que colidiam com o seu procedimento moral, que necessario era terem sido esclarecidas.

Foi, portanto, a inepsia de Viana Coelho, que deu origem ás reclamações de Marques Gomes e, consequentemente, ao prosseguimento da sindicancia, que melhor seria para o arguido e seus defensores que não continuasse.

Vamos, pois, destacar do processo A. as afirmações referidas e destrui-las com igual facilidade.

«Que em absoluto reprova esta sindicancia movida, por má vontade, por creturas que lhe não merecem consideração alguma e até por uma criatura que é desqualificada». «A defesa do arguido está por esse facto feita,»—*afirma-o Luiz Firmino de Vilhena*, no seu depoimento a fls. 129 v. do processo A.

«Que o seu protesto contra a vil campanha fique exarado».—pede *Pompeu de Melo Figueiredo*, cunhado de Luiz Firmino, a fls. 130 do proc. A.

«Que é sua convicção que arguido é incapaz, *por absoluto*, da pratica dos actos que lhe imputam,—diz o sr. *Alfredo Cezar da Brito*, a fls. 131, do proc. A.

«Que considera o arguido honestissimo,»—afirma-o o sr. Dr. Antonio Carlos da Silva Melo Guimarães a fls. 132 proc. A.

«Que depõe contrariado, mas visto que se trata da defesa dum homem que toda a cidade respeita, não vacilou em aceitar o encargo de o defender,»—afirma-o *Mariano Ludgero Maria da Silva*, a fls. 133 do proc. A.

«Comessa por afirmar que se esta sindicancia não fosse solicitada pelo proprio arguido, a classificaria dnma *injustificadissima afronta* feita a Aveiro». «*Urdiu-a o conservador do Muzeu, José de Pinho*, que não tardou, nas alfurjas que frequenta, *a inventar* descaminho de coisas, *bem sabendo que não afirmava uma verdade*». Repugna crêr que sem um rebate de consciencia se *alicie* gente que aqui veio dizer tudo o que, em desabono do arguido, consta neste processo, e cujo crime consiste em ter acalentado *a vivora que o morde sem piedade* e lhe *cospe a serie de insultos* e que representam *verdadeiras infamias*»—proclama-o Firmino de Vilhena, ha pouco falecido, a fls. 136 a 139 do proc. A. (dept.º feito em *12 de março de 1921.*)

Estas afirmações que Viana Coelho deixou sem contestação, impediam-no de se pronunciar, como se pronunciou, contra Marques Gomes.

Vou destrui-las, por ser minha obrigação fazê-lo transcrevendo aqui a seguinte e interessante

— Carta —

datada de 28 de Maio de 1921
(fls. 30 do proc. A.)

Ex.mo Sr. José de Pinho:

As suas duas cartas foram-me entregues uma apoz outra na rua. Como queria que dali lhe respondesse?

Faço-o agora num momento mais oportuno e, em duas palavras, *por uma muito especial consideração consigo*, qois não me faltava mais nada do que responder a toda a gente que se lembre de iatorrogar-me em iguais ou semelhantes condições.

Se lhe disseram que eu profundamente lamentei e lamento a sua atitude para com um amigo seu e meu, que nessa irrante questão me encontro ao lado da vitima de muitos emerecidos odios, que tenho censurado essa campanha, que reputo absolutamente injusta, disseram-lhe bem.

Se lhe afirmaram que eu belisquei a sua honra faltaram redondamente á verdade.

Tenho como regra, a que não falto, *não atingir nunca a honra alheia* e de todas as minhas palavras, como de todos os meus actos, *assume sempre* a inteira responsabilidade o

M.to. ven. obrg.
(*a*) Firmino de Vilhena»

A assinatura está reconhecida pelo notario, em Aveiro.

Comentarios, para quê?

Foi o proprio Firmino de Vilhena quem, *num rebate de consciencia*, veio desfazer as afirmações que atingiam a honra do conservador do Muzeu, sr. José de Pinho, a quem votava *uma muito especial consideração, nunca tendo beliscado na sua honra*, concluindo-se, portanto, que *os caluniadores, a vibora e as criaturas que não merecem consideração*, são os autores e inspiradores da *vil campanha*, contra... o conservador do Muzeu!

Bem haja!

(Continua no proximo numero.)

O PÃO

Continua, em algumas padarias, a mingar o peso do pão. Não ha maneira de se acabar com semelhante extorsão á bolsa do consumidor. Tudo a dormir, tudo impassivel, tudo num *deixar correr* que é mesmo duma pessoa perder a paciencia. A vida está para os traficantes. Para eles e só para eles, que abusam e roubam á sombra da mais revoltante impunidade.

O peor é se um dia a tal chuva de polvora vem acompanhada do indispensavel raio purificador do ambiente...

Está-nos a parecer que, de tudo, só nisso poderemos ainda alimentar esperança...

Triste aniversario

Passou ante-ontem o sexto aniversario da morte do nosso amigo Manuel Calado, arrebatado na plenitude da vida e quando o seu genio de verdadeiro artista desabrochava num largo caudal de inspiração e de belêsa.

A sua delicada compleição não suportou as fadigas da guerra nem as duras provas a que foi submetido.

Assim, apagou-se, deixando a todos que o admiravam e aplaudiam a lembrança saudosa da sua individualidade, que recordamos intimamente compungidos.

Rectificação

A proposito da visita ha dias feita a esta cidade pelo Director Geral do Ensino Industrial e Comercial dissemos que s. ex.ª havia visitado todas as fabricas de ceramica quando o gerente da *Empreza Ceramica Vouga, L.ª* nos comunica e pede para tornarmos publico que a sua não foi incluida nesse numero.

Gostosamente aquiescemos aos seus manifestados desejos.

Misericordia de Aveiro

Um patriotico movimento, no Brazil, a seu favor

Secundando o nosso apêlo, *A Patria*, importante diario do Rio de Janeiro, orgão da colonia portuguêsa, abriu as suas colunas áqueles que tenham na vontade acudir á situação precaria em que se encontra o nosso hospital, tendo, a tal respeito, publicado o seguinte artigo na sua edição de 20 de agosto:

Ecoou agradavelmente no coração dos aveirenses o apelo que acaba de lhes ser feito, pelas colunas de *A Patria*, no sentido de se angariarem donativos destinados á Santa Casa da Misericordia de Aveiro.

São poucos, bem poucos, infelizmente, os que nasceram na cidade de Aveiro e residem nesta capital; mas o titulo de aveirense, cabe justamente e com nobre orgulho, a todos os que viram a luz da vida em qualquer parte do seu districto, banhado pelas aguas do poetico Vouga: e destes sabemos que são em grande numero os que aqui empregam, como aqueles, a sua honrada actividade nos mais diversos misteres, cultuando sempre a Patria e a Familia.

E' para todos eles, pois, para todos os aveirenses que agora se apela, na certeza de que o seu patriotismo e a sua generosidade não serão insensiveis, tratando-se, como se trata, de auxiliar como fôr possivel a cada um a mais bela e humanitaria instituição de Aveiro, que socorre indistintamente e com amor egual, todos os seus filhos—a Santa Casa da Misericordia.

Nunca aos aveirenses, a todos eles, se patenteou ocasião melhor de darem prova dos seus sentimentos generosos e do seu acrisolado afecto pelo torrão natal, cuja doce lembrança a todos envolve de saudade. Que é que se lhes pede?—Um obulo, pequeno que seja, que vá contribuir de alguma maneira para aliviar as dores de muitos dos nossos irmãos de Aveiro e o do seu districto de que estão repletas as enfermarias da Misericordia.

Não duvidamos de que eles saberão corresponder dignamente e com o maior prazer, ao chamado que lhes faz a mais util e benemerita das instituições humanas. *Quem dá aos pobres empresta a Deus.* E se é certo que a caridade é um dos melhores sentimentos que embelezam a alma portuguêsa,—os aveirenses saberão, desta vez, como sempre, aliás, cumprir o seu dever!

— —

E... por que não aproveitamos o momento, tão oportuno, para tocar a reunir todos os aveirenses, todos os filhos do Distrito de Aveiro, que aqui se acham dispersos, mal se conhecendo, e fazer um balanço do nosso numero e valor? Por que não fundamos tambem a nossa agremiação de beneficencia?

Experimentemos...

LUIZ DOS SANTOS

O segundo artigo, de 24 do mesmo mez e escrito pela mesma pena, é como segue:

Despertou o maior entusiasmo, como era de esperar, entre todos os aveirenses—da cidade e seu Distrito – aqui domiciliados, o apelo que se lhes fez, por intermedio de *A Patria*, para que procurem auxiliar a Santa Casa de Misericordia da sua terra a libertar-se da situação precaria em que se encontra actualmente.

Instituição hospitalar com instalações e aparelhamentos dos mais modernos, mas sem renda propria, socorrendo indistintamente a todos os filhos do vasto distrito de Aveiro, de que estão repletas as suas enfermarias modelares; acolhendo e tratando com o mesmo carinho e desvelo a pobres e remediados, —o Hospital de Aveiro bem merece que todos os que nasceram na linda cidade que foi berço do grande tribuno José Estevam e é chamada a *Veneza de Portugal*, e todos os que nasceram em qualquer um dos poeticos recantos banhados pelas aguas cristalinas do rio Vouga, contribuam de boa vontade, e de coração aberto, com o que a cada um fôr possivel, para aliviar-lhe um pouco as presentes condições financeiras que agora o oprimem.

Divide-se o distrito de Aveiro em dezoito concelhos, qual deles o mais importante e de melhor categoria. Poderiamos cital-os todos nominalmente, para melhor realçar os seus grandes vultos do passado regimen e os do presente; mas, para o que principalmente nos interessa neste momento e porque atinge a alguns milhares o numero de seus filhos domiciliados aqui, no Rio de Janeiro, destacaremos pela sua importancia os concelhos de Oliveira de Azemeis, Oliveira do Bairro, Albergaria-a-Velha, Estarreja, Macieira de Cambra, Anadia, Ovar, etc.

Dado, pois, o elevado patriotismo de que por inumeras vezes tem dado provas os portuguêses no Brazil, e conhecidos seus sentimentos de caridade, não é demais esperar-se que agora, conhecida que seja a precaria situação da Misericordia de Aveiro, todos os aveirenses, no mais lato sentido da palavra, acorram com o seu obulo a auxiliar obra tão meritoria.

De nossa parte não temos duvidas nenhumas de que assim sucederá, por honra nossa, sabido como é que a gente da nossa terra, possuindo arraigados sentimentos de caridade, não foge á pratica do bem, antes se compraz em espalha-lo sempre que um apelo surja de protecção aos pobres.

LUIZ DOS SANTOS

— —

A comissão encarregada de angariar donativos para a Santa Casa da Misericordia de Aveiro distribuiu pelos seus membros as listas arrecadadoras, de n.^{os} 1 a 9, e nelas podem subscrever quaesquer quantias não só os naturaes do distrito de Aveiro, como todos os portuguêses de boa vontade.

Estas listas devem ser procuradas nos logares seguintes e com os seguintes senbores:

N.º 1—Casa Cofres Nascimento, rua General Camara 223.

N.º 2—João Brandão de Campos, rua Mariz e Barros 344.

N.º 3—João Vieira, rua Pedro Americo 73.

N.º 4—Empresa de Cofres, rua Senhor dos Passos 75.

N.º 5—Balcão de *A Patria*.

N.º 6—José Casimiro da Graça, rua do Cattete 239.

N.º 7—Luiz Augusto dos Santos, rua da Quitanda 59, 2.º.

N.º 8—Fundição Americana, rua General Pedra, 149.

N.º 9—João Pereira Frade, rua Itapirú 245.

As listas de n.^{os} 10, 11, e 12 foram enviadas para S. Paulo, a membros da colonia aveirense residentes naquela capital.

—A comissão resolveu ainda oficiar ao Centro Beirão, C. Trasmontano, Centro Douriense, Centro Portuguez Dr. Afonso Costa, Orfeon Portugal, O. Portuguez e G. R. Portuguez, solicitando o seu apoio e protecção para as listas suplementares de auxilio que a cada um enviou

Aguardâmos com a maior ansiedade o final da obra de benemerencia que a comissão de aveirenses está realisando no Brazil, para dela nos ocuparmos devidamente nas colunas de *O Democrata* e dizermos a esses dignos filhos desta terra quanta simpatia lhe merece o seu nobilissimo gesto a favor dos doentes que ao hospital recorrem levados pela falta de meios, pela sua infelicidade, por tudo, enfim, que indica pobresa, desamparo, infortunio.

Notas Mundanas

Tem estado bastante doente a sr.ª D. Maria de Melo, professora regente da escola primaria n.º 2.

—Tambem adoeceu com certa gravidade o capitão de infantaria 24, sr. Artur da Silva Veiga.

—Regressou do Gerez com sua filha, a sr.ª D. Maria Clementina de Abreu.

—De Salamanca regressaram os srs. drs. Pompeu Cardoso, José Cardoso, Eugenio Couceiro e Jaime Duarte Silva.

—Fizeram anos no dia 14, o sr. Acacio Marinho Larangeira, no dia 15 o sr. Maximo Henriques de Oliveira e ontem o sr. Manuel Cação Gaspar.

—Para as termas de S. Pedro do Sul, seguiu o sr. José Nunes Ferreira Ramos.

—Tem estado nesta cidade o escritor Antonio de Certima.

—Adoeceu na Costa Nova o sr. Antonio Osorio.

—Tivemos o prazer de abraçar nesta cidade o nosso muito amigo José Nunes Pinguelo, antigo empregado da Fabrica da Vista Alegre e que regressou da America do Norte onde esteve trabalhando durante quatro anos.

Com satisfação o Democrata lhe dá as bôas-vindas.

Os aviadores

O povo de Lisboa dispensou no sabado aos intrepidos aviadores delirantes manifestações por ocasião de lhe serem impostas, no Terreiro do Paço, pelo sr. presidente da Republica, as insignias da Torre e Espada com que foram agraciados depois de concluida a sua viagem a Macau.

Os majores Brito Pais, Sarmento Beires e tenente Manuel Gouveia foram entusiasticamente aclamados, formando-se um cortejo triunfal em que tomaram parte dezenas de milhares de pessoas, percorrendo as principais ruas da capital.

Hoje devem passar no *rapido* das 13 horas para o Porto, que tambem lhes prepara espaventosas festas e de cuja cidade serão hospedes tres dias.

A caça

Terminou no dia 1 o tempo de defêso ou seja aquele em que é vedado pegar na espingarda para matar qualquer peça, um simples pardal que seja. Mas tendo chegado ao conhecimento do sr. ministro do Interior que em diferentes localidades se caça abusivamente as especies indigenas—perdiz, coelho e lebre—contra o que dispõe a lei, com a agravante de que uma parte dos contraventores não se acham habilitados com as correspondentes licenças, faz sciente aquele, por meio de circular a todos os governadores civis, que as autoridades administrativas devem exercer a maior vigilancia sobre o uso e direito de caçar, aplicando aos transgressores as penalidades em vigor.

Ainda bem que as *borbolêtas* não foram compreendidas...

Necrologia

Faleceu uma filhinha de 3 anos do sr. Manuel Teixeira, empregado nos correios, e em Oliveira de Azemeis o sr. Antonio Pereira Vilar, de 84 anos, homem de excelentes qualidades de caracter e que era tio do nosso prezado amigo sr. dr. Antonio Maria Pereira Vilar, distinto clinico na Beira, Africa Oriental.

Ás familias enlutadas, sentidas condolencias.

Correspondencias

Costa do Valado, 18

Depois do S. Miguel, as vindimas. Tudo trabalha, minha gente. Grande azafama. Lagariças cheias. Ranchos com cestos. Cantos alegres. E o sol, o delicioso sol deste fim de verão a acariciar tudo, espalhando os seus raios caloriferos, de luz intensa, por sobre a terra creadora, quasi desmantelada depois de cumprida a obrigação.

Uns dias mais, quinze se tanto, e o lavrador descançará então um pouco das fadigas do ano, o que é justo, para que recoopere as forças, criando novas energias.

—Com demora de alguns dias encontra-se no seio dos seus conterraneos o sr. Albano Nunes Genio.

—No domingo efectua-se nas Quintans a festa da Senhora da Graça á qual vem assistir uma musica de reputação.

Haverá arraial na vespera, constando a parte religiosa de missa cantada e procissão.

C.

* * *

Oliveirinha, 17

Revestiu a pompa que se esperava a festividade á Senhora dos Remedios feita este ano a capricho, tendo vindo muitos naturais da freguesia, que habitam fora, assistir a ela.

A procissão, organisada com toda a ordem e decencia, percorreu as principais ruas do logar, tendo ao arraial assistido centenares de pessoas que muito apreciaram as musicas e o fôgo, este lançado em abundancia e de bonito efeito assim como os aerostatos que eram.

Não houve a mais pequena nota discordante, o que nós registamos com desvanecimento, por ser esse um grande factor para os creditos de que gosa a nossa gente. Á comissão os nossos louvores.

—De visita a seus pais encontra-se aqui o quintanista de medecina, sr. dr. Carlos de Almeida Vidal.

C.

ARREMATAÇÃO

2.ª publicação

No dia 12 de Outubro proximo, ás 12 horas e á porta do Tribunal Judicial desta comarca, proceder-se-ha á arrematação em hasta publica, afim de sêr entregue a quem maior lanço oferecer acima da sua avaliação, e no inventario orfanologico a que se procede por obito de Avelino Lopes Tavares que foi casado, lavrador, de Requeixo, e em que é inventariante a sua viuva Venancia Simões Bodas, daquele logar, do seguinte predio:

Uma terra lavradia sita no Morracal, limite do Campo, de Requeixo, avaliada na quantia de 1.100$00.

Toda a contribuição de registo e despezas da praça serão por conta do arrematante.

Este predio foi separado pelo conselho de familia para pagamento do passivo aprovado.

Aveiro, 12 de Agosto de 1924.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Souza Pires

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo.

Companhia Aveirense de Moagem

Assembleia Geral

Em conformidade com o disposto no nosso estatuto, convoco os srs. Accionistas a reunir em sessão ordinaria no proximo dia 24 de Setembro, pelas 15 horas, no escritorio da Companhia.

Aveiro, 10 de Setembro de 1924.

O Presidente da Assembleia Geral,

Francisco Manuel Homem Cristo

Escola Industrial Fernando Caldeira

A matricula nesta Escola está aberta até ao fim do corrente mez e nela são professados os seguintes cursos:

Desenho industrial, que compreende as diciplinas de desenho, pintura, ceramica e modelação.

Comercial, compreendendo as disciplinas de portuguez, francez, inglez, e arimetica comercial, elementos de teoria de comercio, direito comercial, economia politica, geografia comercial, vias de comunicação, transportes e noções de technologia e mercadorias. Escrituração comercial e contabilidade. Caligrafia, dactilografia e estenografia.

Para efeitos da matricula podem os interessados dirigir-se á secretaria da Escola, onde lhe serão prestados todos os esclarecimentos neeessarios para esse fim, todos os dias uteis desde as 19 ás 21 horas.

Farmacia de serviço

Está amanhã aberta a *Farmacia Moura.*

A pesca nas nossas aguas

Tiveram fim os trabalhos realisados pelas comissões hispano-portugueza a proposito da pesca na nossa costa.

As conclusões a que se chegou e a forma como ficaram estabelecidos e salvaguardados os nossos direitos e a nossa soberania não são ainda conhecidos.

O que diz, porêm, o sr. ministro da marinha é que taes comissões não tinham poderes resolutivos, mas apenas de estudo, afirmando, no entanto, o referido titular, que se conseguiu uma aliança de cortezia, da qual resulta a defeza dos nossos interesses quanto á pesca, armadores e pescadores, ficando definitivamente assegurada a nossa soberania.

Que o tempo e os factos comprovem e justifiquem as palavras do ministro, são os nossos mais ardentes desejos.

Declaração

Antonio dos Santos Parracho, natural de Verdemilho, freguezia de S. Pedro das Aradas, concelho de Aveiro, filho de Josá dos Santos Parracho e de Feliciana de Jesus Barraca, tendo chegado recentemente dos Estados Unidos do Brazil, vem declarar para todos os efeitos que está registado no Consulado de Santos com o nome de *Antonio dos Santos Barraca*, nome que continuará aqui a usar, como torna bem publico e notorio.

Verdemilho, 15 de Setembro de 1924.

Antonio dos Santos Barraca

Representação

A Associação Comercial de Lisboa representou ao governo enumerando os inconvenientes e vexames a que dá logar a lei n.º 1633 na parte respeitante á selagem das bebidas engarrafadas e artigos de perfumaria e por isso aconselha os interessados a aguardar a resolução daquele, sobre-estando na selagem de quaesquer dos artigos indicados.